

UTILIZAÇÃO DE MAPAS NAS AULAS DE HISTÓRIA E GEOGRAFIA

Cristiano Souza Paiva da Silva¹; Mirella Raquel Nunes de Oliveira²

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – CAMEAM¹

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – CAWSL²

[criso.pahiva@gmail.com¹](mailto:criso.pahiva@gmail.com)

[mirellaraquelnunes@gmail.com²](mailto:mirellaraquelnunes@gmail.com)

RESUMO: No artigo visamos discutir formas para trabalhar a interdisciplinaridade na sala de aula, como as disciplinas de história e geografia utilizam os mapas. Analisando como cada disciplina faz a sua exposição com os mapas, acrescentando que este é um conteúdo da geografia, mas que pode ser contemplado na história. Para a realização deste projeto teve-se como foco o desenvolvimento de estudo de caso com os alunos do terceiro ano do ensino médio, observando como trabalham os conceitos geográficos e históricos com a utilização de mapas, e como essas duas ciências desenvolvem a interdisciplinaridade nesse contexto, além de levantar dados com os mesmos. Para tanto, utilizamos na construção textual a preocupação de realizá-la de forma imparcial, buscando a uma visão analítico-interpretativa através dos fatos observados das aulas de Geografia e História. Ambas ministradas pela mesma professora na terceira série do Ensino Médio na Escola Estadual Professor Pedro Raimundo. Observamos a ausência de ação interdisciplinar, mesmo com temas que poderiam ter pontes entre elas. Para conhecer mais profundamente o conhecimento cartográfico dos alunos, aplicamos no nosso último dia de observação um questionário, contendo questões fechadas e abertas, que auxiliou para que chegássemos aos resultados. Todo o processo que foi realizado para se chegar aos resultados nos mostraram o quanto foi importante conseguir avançar em cada dado coletado e em cada observação feita, nos levando a entender que a interdisciplinaridade é indispensável em muitos dos projetos para sala de aula. Servindo para impulsionar na melhoria do processo de ensino-aprendizagem dos nossos jovens.

PALAVRAS-CHAVE: Interdisciplinaridade, Ensino, História, Geografia.

1. Introdução

O dom da docência é admirado por muitos em um mundo onde poucos querem exercer, é um trabalho árduo com belos frutos. Não é fácil educar, ensinar e preparar o aluno para a sociedade, mostrar a ele que é necessário que tenha um modo próprio e individual de ver os acontecimentos ao seu redor, o que torna um trabalho desafiador, “[...] trata-se hoje, sobretudo, de conquistar o respeito dos alunos em todos os domínios envolvidos no trabalho



contempladas para um resultado eficaz.

2. Metodologia

Este presente artigo se emprega, inicialmente, em levantamento bibliográfico sobre os conceitos que serviram de base para os estudos teóricos da pesquisa, tais como o ensino de geografia, ensino de história e mapas. Seguindo pensamentos de Richter (2013), Pontuschka (2007), Selbach (2010).

Para a realização deste projeto teve-se como foco o desenvolvimento de estudo de caso, "um método de pesquisa estruturado, que pode ser aplicado em distintas situações para contribuir com o conhecimento dos fenômenos individuais ou grupais" (ANDRADE et al., 2017, p. 2), ou seja, com os alunos do terceiro ano do ensino médio, observando como trabalham os conceitos geográficos e históricos com a utilização de mapas, e como essas duas ciências desenvolvem a interdisciplinaridade nesse contexto, além de levantar dados com os mesmos, sobre a utilização dessa ferramenta no ensino dessas áreas do conhecimento, ao longo da vida escolar. Para tanto, iremos realizar na construção textual a preocupação de realizá-la de forma imparcial, buscando a uma visão analítico-interpretativa através dos fatos observados. Desta forma, para que isso se tornasse possível, buscamos nos fundamentar principalmente nas referências que tratam sobre a temática de ensino de geografia e história utilização de mapas em sala de aula e a interdisciplinaridade, com a finalidade de mostrar uma compreensão confiável sobre os temas discutidos.

Para avaliarmos, utilizamos no primeiro momento a observação das aulas disciplinares em geografia e história, como os professores relacionam os temas com os mapas e como os alunos reagem com essa ferramenta. Em um segundo momento, aplicaremos questionários tanto com os professores de ambas as disciplinas sobre o tema trabalhado e outro questionamento com os alunos, ressaltando uma visão deles e uma análise da utilização dos mapas ao longo de sua vida escolar.

3. Ensino em Geografia

No ensino de geografia a principal motivação do professor é promover o interesse dos alunos em discutir a relação humana com ambiente de convívio, instiga-los e desenvolver neles um interesse sobre a realidade que constrói e reconstrói o espaço geográfico e compreender de forma crítica os fenômenos geográficos. Para isto, o ensino-aprendizagem associa o conhecimento geográfico ao cotidiano do aluno, de forma a facilitar a compreensão



e os mesmo poder construir seu próprio saber.

Para realizar um bom ensino de geografia é preciso compreender o que é geografia, sendo uma ciência complexa com diversas maneiras de conceitualiza-la; às vezes pode ser difícil defini-la, pois, existem muitas geografias. Mais o principal foco do ensino da geografia é construir um pensamento crítico, ensinar os indivíduos a pensar. Assim, podemos concluir “que não abre mão de fazer de nossos alunos atores autênticos na construção das paisagens e lugares e na certeza de que sua disciplina é fruto da interação entre o trabalho social e a natureza; que ensina o povo a pensar” (SELBACH, p. 31, 2010). Sendo uma ciência que interliga as relações humanas com o meio, deliberando, como uma instância que promove uma compreensão do contexto real onde vivemos.

O ensino de Geografia não pode estar ligado ao “professor explicador” (CAVALCANTI, 2013), com suas fontes de saberes ligadas unicamente ao livro didático. É necessária a utilização de outras formas de ferramentas para o seu ensino-aprendizagem. Principalmente, não usar os mapas como meios decorativos dos livros, ou para memorização sem promover uma leitura, minimamente transmissora dos conhecimentos de expressões em seus símbolos, cores, gradações e traços.

É essencial instigar nos alunos a compreensão dos conteúdos trabalhados na ciência geográfica, gerar discussões, para construírem novas ideias, analisarem o objeto de estudo lidado ao seu conhecimento prévio, interligar os saberes, discutir e construir o saber de uma ciência, com as outras ciências. “A geografia e a educação formal concorrem para o mesmo fim de compreender e construir o mundo a partir das ideias que formam dele. Ambas trabalham com ideias” (RUY, p. 105, 2007). Sendo essa uma das tarefas do ensino, “na medida em que são assimilados conhecimentos, habilidades e hábitos, são desenvolvidas as capacidades cognitivas” (LIBÂNEO, p 81, 1994).

4. Ensino em História

A História nos possibilita construir a ideia e representação de tempo, essa ciência que propicia um ensino voltado para um conhecimento histórico-crítico. Trabalhar a disciplina de história é poder conhecer conceitos e criar bases para uma formação voltada para a crítica, é tornar o aluno um ser pensante enquanto sujeito de uma sociedade, na qual saberá opinar e/ou questionar qualquer que seja o tema em pauta, construindo o seu próprio saber. O professor diante disso terá o desafio de mostrar aos alunos e trazer a história para mais próximo possível de suas realidades, que auxiliará melhor seu entendimento, visto que, “quanto mais o aluno

sentir a história como algo próximo dele, mais terá vontade de interagir com ela, não como uma coisa externa, distante, mas como uma prática que ele se sentirá qualificado e inclinado a exercer” (KARNAL, 2008, p. 28).

É necessário entender memória, patrimônio e fatos históricos, fazendo sempre a união do passado com o presente, o que nos leva a entender que nem sempre o homem teve interesse na história do universo e da sua própria origem de vida, tais fatos eram explicados através de histórias passadas de geração em geração, o que chamamos de oralidade, onde muitos desses contos passaram a serem chamados de mitos.

É sempre uma história com personagens sobrenaturais, os deuses. Nos mitos os homens são objetos passivos da ação dos deuses responsáveis pela criação do mundo (cosmo), da natureza, pelo aparecimento dos homens e pelo seu destino (BORGES, 1993, p. 12).

O misticismo depois de um tempo foi perdendo a sua veracidade, o que conseqüentemente os pensadores começaram a se questionarem sobre a verdade e a colocarem em cheque. Um estudioso bastante importante para a História foi o pensador Heródoto, considerado o pai da História. Foi o primeiro a trabalhar história como uma ciência, a da investigação, se assim pode dizer, pois é com essa ciência que a verdade vem sendo revelada através de seus fatos históricos, oralidades, documentos, patrimônios, a história então é linear, continua e continuará em constante transformação, pois haverá sempre a estreita relação entre o homem e a natureza, sendo um processo dialético e cheio de contradições, pois tudo depende do ponto de vista que o historiador exerce. O que nos faz pensar no quanto o ensino de história vem se tornando desafiador, uma vez que, a história não precisa mais ser influenciada por classes dominantes, como foi no passado.

Diante disso é necessário que o docente de história compreenda as sinuosidades que rodeiam o conhecimento histórico e possa trabalhar reflexivamente, para que o aluno se sinta como sujeito da sua própria história e consiga ser capaz de entender o contexto no qual está inserido.

5. Utilização do mapa em ambas as ciências

A Interdisciplinaridade entre as ciências está ganhando particularidade cada dia mais nas salas de aula. Para que uma ciência comungue com outra é necessário, antes de qualquer coisa, à dedicação e o querer do docente da disciplina, no caso discutido neste artigo, seja ela a História ou a Geografia, todas podem e devem se unir em prol de um melhor conhecimento

dos seus alunos. “A interdisciplinaridade pode criar novos saberes e favorecer uma aproximação maior com a realidade social mediante leituras diversificadas do espaço geográfico e de temas de grande interesse e necessidade para o Brasil e para o mundo” (PONTUSCHKA, p. 144, 2017).

A ciência é algo que se adquire a cada construção, estabelecendo novos conceitos. As transformações sofridas pelo conhecimento em um âmbito histórico nos fazem acrescentar que as responsabilidades dadas aos docentes de História e Geografia têm crescido a cada dia, e ao se trabalhem juntas, o desafio torna-se ainda maior; mesmo ambas sendo da mesma área. Sendo a Interdisciplinaridade uma forma de contribuir e superar a fragmentação do conhecimento e suas implicações sobre a educação, segundo Silva e Fazenda (2014).

E trabalhar mapas, por exemplo, para um professor de história é ainda uma dificuldade, visto que nem todos sabem realmente lê-los, como deveria saber legenda, título, gradações, cores, escalas. O mapa vai ser como quaisquer outros textos alfabéticos, diferenciados somente pela dominância da figura, representando os espaços vividos e as práticas sociais (PONTUSCHKA, p. 292, 2017), que torna o diálogo um pouco mais difícil entre as ciências, visto que nem todo professor é adepto a essa conversação. Contudo, sabendo que o mesmo pode melhorar no aprendizado e compreensão do aluno, com relação ao conteúdo, e ainda estreitaria laços de amizade e coleguismo entre os professores.

Na realidade da escola trabalhada em questão, a professora que leciona história, também é a mesma que leciona geografia. Então, esta torna-se uma ligação mais estreita, visto que, as ideias podem ser compartilhadas fazendo ligações de um conteúdo da história com o da geografia. Essa atitude muitas das vezes é passada despercebida pelo docente.

Trabalhar mapas nas aulas de história e geografia é ensinar e aprender as localizações, e as representações dos fatos estudados, não se trabalha mapas apenas nas aulas pelo fato de ser lúdico e levar uma novidade para a sala de aula. Os mapas desperta no aluno o interesse em saber verdadeiramente seu espaço, localização, território, vegetação; é mostrar que através desses mapas podemos construir nossos próprios mapas, os mentais; com lugares que representem uma ligação afetiva, mostrando e criando cada conceito próprio, de acordo com a particularidade de cada um. A realização Pedagógica de Projetos, com a instrumentalização e leitura didática de mapas, no ensino de história e geografia, adiciona no aluno um aprendizado qualitativo, pois os alunos poderão obter meios de saber e melhorar suas formas de perceber o mundo ao redor.

Ao articular uma com a outra, a relação oferecerá subsídios no processo de ensino, e



quem sabe até estimular outras áreas do conhecimento a buscar a interdisciplinaridade, como um instrumento que fará descobrir um processo dinâmico do ensino-aprendizagem, onde professores e alunos construirão na aprendizagem e em processo contínuo a relação que se faz importante entre o mapa e a história ou entre a história e a geografia.

6. Análise e discurso

Para iniciamos a análise da utilização dos mapas em ambas as disciplinas, observamos como os livros didáticos utilizados pelos alunos do 3º Ano do Ensino Médio, na Escola Estadual Professor Pedro Raimundo do Nascimento, trabalhavam esse instrumento de ensino. Sendo utilizado para a disciplina de Geografia o livro “Geografia Geral do Brasil: espaço geográfico e globalização” dos autores Sene e Moreira (2013); e da disciplina de História, o livro “História Geral e do Brasil” de autoria de Vicentino e Dorigo (2013), ambos da Editora Scipione. Importante salientar que o ano de 2017, sendo o ultimo ano de utilização desses livros para o ensino médio. Bom frisar que “o livro didático constitui um elo importante na corrente do discurso da competência” (VESENTINI, p 166, 2007), porém, o professor não pode e não deve ficar preso somente nesse recurso didático. O livro não pode ser o único amparo do saber em sala de aula, pois acaba tornando um saber concretizado não fluido e moldável, assim, os alunos não poderão construir e reconstruir seus conhecimentos.

Os dois livros expõem em suas páginas mapas claros que contemplam os conteúdos estudados na etapa das nossas observações, situando bem os alunos aos contextos estudados. Podendo ser trabalhado pelo professor realizando interação, o professor mediará o saber prévio do aluno em relação aos mapas, utilizando diferentes tipos relacionando ao conteúdo, na qual ajudará os alunos a lerem e compreenderem melhor as informações mostradas, podendo ainda relacionar com a cartografia estudada no ensino fundamental e no primeiro ano do ensino médio.

Todavia, em relação aos conteúdos explanados em ambas as disciplinas teria que ter havido uma ligação mais interdisciplinar, visto que, um assunto como a Segunda Guerra Mundial (História) e Análise da Evolução Populacional e seu Contexto Histórico (Geografia), apresentam um eixo-norteador da discussão temática em comum e, nesse sentido, desta feita, os conteúdos disciplinares poderiam ser abordados de modo a estimular o exercício da leitura analítico-interpretativa a partir de uma amarração entre elas, pois, o reflexo do período histórico estaria relacionado com o aspecto sócio-espacial das nações envolvidas nos conflitos e na herança para os dias atuais.

A professora observada na pesquisa ministrava aula de história sobre a Segunda Guerra Mundial, a mesma fez um relato sobre as pessoas da cidade que participaram do conflito, porém de modo superficial, sem adentrar mais profundamente na relação e motivação socioeconômico da participação do Brasil na Segunda Guerra. Isto impede a ocorrência da interdisciplinaridade, do modo de aproximar a realidade social com o espaço geográfico e o reflexo histórico nessa ciência e vice-versa. “O professor necessita manter o diálogo permanente com o passado, o presente e o futuro para conhecer projetos disciplinares e interdisciplinares na escola” (PONTUSCHKA, p. 145, 2017).

A Professora, em ambas as disciplinas, trabalhou mapa, sendo que em História, foi uma animação rápida sobre as batalhas e conquistas de territórios no período da Segunda Guerra, fazendo uma ligação com os mapas elaborados no livro didático. Ainda na disciplina de História ficou percebido que a docente não utilizou como deveria essa ferramenta, na tentativa de fazer uma comunicação com a Geografia. Trabalhar mapas com conteúdos de História ainda é um desafio e, de certa forma, uma quebra de paradigmas entres professores da área, e até mesmo o próprio docente de Geografia muitas sente dificuldade na hora de se trabalhar com mapas. É importante que o professor tenha domínio da linguagem cartográfica, para poder trabalhar em sala de aula, tanto os professores de Geografia como os de História. Visto que, “os mapas não estão ajudando os jovens a refletir sobre um problema apresentado, ou seja, a efetuar o cruzamento das variáveis envolvidas na situação” (PONTUSCHKA, p. 325, 2017). Deste modo o ensino-aprendizagem se realiza de forma superficial, sem uma análise clara de conteúdos exposta nesse material, e não conseguindo realizar discussão sobre o fato.

A professora em questão somente conseguiu uma melhor desenvoltura ao trabalhar a cartografia em sua área, dominando melhor o conteúdo, quando a mesma promoveu uma interação do aluno com a leitura do mapa que representava a escala local, estimulando um conhecimento interativo do censo comum com o cartográfico.

6.1. Analisado os conhecimentos Cartográficos e a importância do trabalho em conjunto com a História

Para podermos discutir com propriedade sobre o tema abordado neste artigo, realizamos observações das aulas de Geografia e História. Ambas ministradas pela mesma professora na terceira série do Ensino Médio na Escola Estadual Professor Pedro Raimundo. Podemos observar a ausência de ação interdisciplinar, mesmo com temas que poderiam ter pontes entre eles. A esse respeito, ocorreram relatos isolados da professora sobre presença de

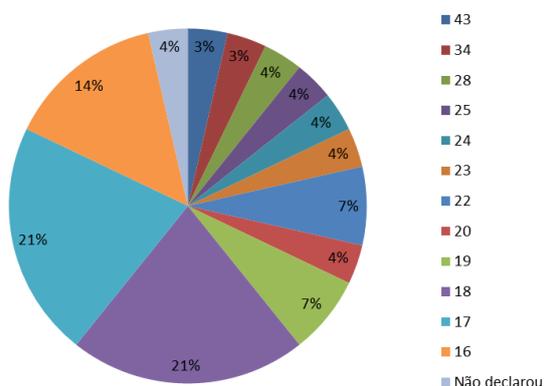
um militar aposentado residente no município de Água Nova/RN, o mesmo participou da Segunda Guerra Mundial, onde foi enviado para a Europa, aonde ocorria o conflito. Nesse momento, a docente poderia ter realizado pontes entre eles, comentando sobre a relação da distância geográfica, dos conflitos geopolítica da época e da econômica.

No entanto, focamos principalmente nossas observações no uso de mapas em sala de aula, como já foi discutido no tópico anterior. Para conhecer mais profundamente o conhecimento cartográfico, aplicamos no nosso último dia de observação, um questionário, contendo tanto com de questões fechadas e abertas.

Primeiramente, através desse questionário decidimos conhecer a faixa etária dos alunos da turma e o desenvolvimento escolar dos mesmos, como exemplo o fator repetência que poderia influenciar no desenvolvimento dos saberes dos alunos. Pois, quando os alunos que passam com frequentes repetência tendem a ficarem desestimulados, por muitas vezes apresentarem dificuldades de aprendizado.

Como podemos observar na figura 1, pouco mais da metade dos alunos está na faixa etária de 16, 17 e 18 anos, aproximadamente dentro da faixa para o terceiro ano do ensino. O gráfico mostra que 57% dos alunos durante sua vida escolar não repetiram de ano, embora 43% já repetiram o ano (figura 2). Este fato pode prejudicar a construção do conhecimento do alunado, pois alunos repetentes tem tendência de serem desmotivados e com dificuldade de aprendizagem, que pode estas associadas a sentimentos como mágoas pelas constantes reprovações e conflitos com professores Ferrarini, Stecanela, Silva, (2013).

Idade dos Alunos



Repetencia dos aluno

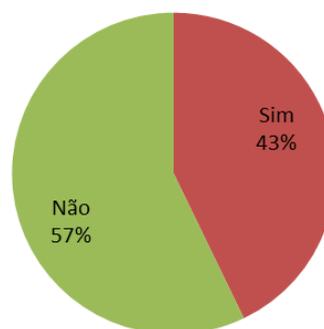


Figura 1: Fonte pesquisa de campo, 2017.

Figura 2, Fonte: pesquisa de campo, 2017.

Ao questionarmos sobre a ciência cartográfica, indagamos se os alunos sabiam para que serviam os mapas. Conseguimos notar na figura 3 que 82% responderam que sim; sabiam para que servia os mapas; 14% não sabiam e 4% não souberam ou não quiseram responder. Porém, ao perguntar a importância de estudá-lo, os alunos não souberam responder, ou deram respostas vagas a respeito. Assim, não se pode como cobrar dos alunos o conhecimento de leituras e interpretação de mapas, se os próprios não sabem a finalidade do mesmo. Geralmente são trabalhados de modo a não promover a capacidade de reflexão dos adolescentes, ocasionando a falta do domínio da linguagem cartográfico.

O segundo gráfico da figura 4, logo abaixo, representa na ótica dos alunos onde 35% acham que os professores trabalharam melhor os mapas no 9º ano, 8º ano com 20%, e 12%, acham que foi melhor explorado os mapas na 1ª Série do ensino médio e o 6º ano do ensino fundamental II. Mesmo com trabalhos e ensino-aprendizagem, mais próximo aos alunos da ciência cartográfica, a dificuldade e o analfabetismo cartográfico continuam muito presente entre os eles.



Figura 3: Fonte: pesquisa de campo, 2017.



Figura 3: Fonte pesquisa de campo, 2017.

Além desses fatores, o mais preocupante é a falta de domínio da linguagem cartográfica. Problema que pode impedir a análise do processo de ensino-aprendizagem; processo esse que é importante a iniciação ou alfabetização cartográfica escolar, desde as séries iniciais do ensino fundamental. Os alunos não souberam, nas questões abertas, distinguir o que se denomina básico em uma leitura de mapa, não sabendo para que serve o título, a importância da Rosa dos Ventos em um mapa, diferenciar os pontos cardeais e colaterais. Isto



é reflexo de um precário ou deficitário ensino de cartografia. A cartografia é um instrumento analítico-interpretativo da representação do espaço, sendo um recurso, uma ferramenta de apoio à leitura sobre a organização, espacialização, territorialização, bem como da (re)produção da totalidade do espaço geográfico, que é representada no recorte espalho-temporal em cada mapa em particular. Necessitando ser trabalhada deste o início da escolaridade, como disciplina e ciência escolar, “uma vez que proporciona melhor entendimento e compreensão dos mapas, assim como a representação do espaço” (CONTERNO, 2014).

7. Conclusão

Todo o processo que foi realizado para se chegar aos resultados, nos mostraram o quanto foi importante conseguir avançar em cada dado coletado e em cada observação realizada, nos levou a entender que a interdisciplinaridade é indispensável em muitos dos projetos para sala de aula. Tentamos caminhar ao máximo com essa inovação da educação interdisciplinar, sabemos que ainda existe um longo caminho, mas aos poucos as barreiras irão sendo transponíveis. Melhorar sempre mais na educação dos nossos jovens é a nossa luta diária.

Acreditamos que o trabalho docente é muito mais que apenas apresentar os conteúdos de sua disciplina, é poder ter a necessidade e a coragem de caminhar ao lado de outras áreas, facilitando o aprendizado tanto do aluno quanto do professor. É com a interdisciplinaridade que caminharemos mais unidos com outras áreas do conhecimento, aderindo a uma maior abrangência na educação dos discentes, que poderão fazer a ligação de uma disciplina com outra, facilitando a aprendizagem dos mesmos, tanto fora quanto dentro da sala de aula.

Enfim, é necessário sair da zona de conforto e buscar mudanças inovadoras para dentro e fora da sala de aula. Embora há certas dificuldades na hora de se trabalhar a interdisciplinaridade em algumas disciplinas, faz-se necessário que os professores busquem aprender a se relacionarem com outras áreas, afim de levar para a sala de aula um conhecimento mais abrangente para seus alunos

8. Referências

- ANDRADE, S. R. et al. **O ESTUDO DE CASO COMO MÉTODO DE PESQUISA EM ENFERMAGEM: UMA REVISÃO INTEGRATIVA**. Florianópolis, 2017, p 1-12.
- BORGES, V.P. **O que é História?** .2ªed.rev. São Paulo: Brasiliense, 1993 (coleções primeiros passos).
- CASTRO, Amelia Domingues; CARVALHO, Anna Maria Pessoa de (org.). **Ensinar a**



- Ensinar:** didática para a escola fundamental e média. São Paulo. Cengage Learning, 2012.
- CAVALCANTI, Lana de Souza. **Os conteúdos geográficos no cotidiano da escola e a meta de formação de conceitos.** In____: ALBUQUERQUE, Maria Aldailza Martins de; CONTERNO, Lucy. **A Importância dos Mapas Enquanto Instrumento Pedagógico nas aulas Geografia.** 2014. 42 p. Monografia (Especialização em Educação: Métodos e Técnicas de Ensino). Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Medianeira, 2014.
- FERRARINI, Fernanda; STECANELA, Nilda; SILVA, Lisandra Pacheco da. **A Escola é Realmente um Espaço de Desmotivação aos alunos?** Polo – RS. XIII Seminário “Escola e Pesquisa: um encontro possível”. 23 e 24 de agosto de 2013. ISSN: 2176 1434. Disponível em: <
http://upplay.com.br/restrito/nepso2013/uploads/Nepso_na_Escola/Trabalho/09_08_00_Artigo_A_escola_realmente_e_um_espaco_de_desmotivacao_ao_alunos.pdf>. Acesso em 29 de setembro de 2017.
- FERREIRA, Joseane Abílio de Sousa (org.). **Formação, pesquisa e práticas docentes: reformas curriculares em questão.** João Pessoa. Editora Mídia, 2013
- LIBÂNEO, José Carlos. **Didática.** São Paulo. Cortez, 1994. Coleção Magistério 2º Grau. Série Formação do Professor.
- KARNAL, Leandro. **História na sala de aula: conceitos, práticas e propostas.** São Paulo: Contexto, 2008.
- OLIVEIRA, Allain Wilham Silva de. **Desafios e possibilidades da Geografia no Ensino Médio.** CEP, v. 36570, p. 000, 2004.
- PONTUSCHKA, Nídia Nacib; PAGANELLI, Tomoko Iyda; CACETE, Núria Hanglei. **Para Ensinar e Aprender Geografia.** 1º ed. São Paulo: Cortez, 2007.
- RICHTER, Denis. **Um olhar para os mapas mentais: os percursos e suas leituras do espaço.** In____: ALBUQUERQUE, Maria Aldailza Martins de; FERREIRA, Joseane Abílio de Sousa (org.). **Formação, pesquisa e práticas docentes: reformas curriculares em questão.** João Pessoa. Editora Mídia, 2013.
- RUY, Moreira. **Pensar e ser em geografia: ensaios de história, epistemologia e ontologia do espaço geográfico.** São Paulo. Contexto, 2007.
- SELBACH, Simone (org.). **Geografia e Didática.** Petrópolis – RJ. Vozes, 2010.
- SENE, Eustáquio de; MOREIRA, João Carlos. **Geografia Geral do Brasil: espaço geográfico e globalização.** 2º ed. Reform. Volume 3. São Paulo. Scipione, 2013.
- SILVA, Ana Lúcia Gomes; FAZENDA, Ivani Catarina Arantes. **Formando Formadores para a Interdisciplinaridade: sutileza do olhar.** Revista Diálogo Interdisciplinares – GEPPFIP. Aquidauana – MS, v.1,n 1, p. 9-20, out. 2014.
- VESENTINI, José William. **A questão do livro didático no ensino da Geografia Novos caminhos da Geografia.** in____: Caminhos da Geografia. Ana Fani Alessandri Carlos (organizadora). 5.ed.,1ªreimpressão- São Paulo: Contexto,2007.
- VICENTINO, Cláudio; DORIGO, Gianpaolo. **História Geral e do Brasil.** 2º ed. Volume 3. São Paulo. Scipione, 2013.